

A Casa Tombada
FACONNECT

Pós-graduação Lato Sensu – O Livro para a Infância: Processos
contemporâneos de Criação, Circulação e Mediação

A Literatura resiste aos tempos de Pandemia

Nome: Claudia Martin: Turma VI
Professora orientadora: Camila Feltre

São Paulo
2021

1. A potência do livro

Foi em uma manhã de outono, em uma das aulas do curso de pós-graduação *O livro para a Infância*¹, que tive o privilégio de conhecer Edith Derdyk: pintora, desenhista, artista plástica e escritora brasileira. Naquele momento, ela como nossa mestra, me intrigou o tempo todo. Não era simplesmente uma aula, mas sim um mergulho sobre o estético, sobre a imponência do livro, sobre o lugar que ele pode ocupar no cotidiano.

Quando ouvi sua fala “*O livro como manipulador de espaços*” algo ecoou em mim. A partir dela pude organizar as ideias acerca do que aprofundar, do que pesquisar e de como apresentar o trabalho de conclusão de curso. Ela foi a chave que me fez perceber a profundidade do que estava acontecendo entre meus alunos, as leituras em livros e eu, durante o período da pandemia.

Março de 2020

... E o mundo parava aos poucos! Do outro lado do oceano ouvíamos: Lock Down, Covid 19, primeira onda, contágios, máscaras, respiradores... Palavras que antes não faziam parte do cotidiano, pelo menos do meu, ficavam cada vez mais fortes e presentes. Foi então que a dor se aproximou, levando vidas conhecidas, fechando serviços, escolas, salas de aula e a minha turma... Sim a minha turma também se fechou!

Um grupo de primeiro ano, constituído de crianças que completariam 7 anos ao longo de 2020, no Colégio Renascença, onde atuo como professora polivalente. Pequenos que foram distanciados de seus amigos, professores, da hora do parque, da roda da biblioteca, da rotina no Ensino Fundamental anos iniciais. Meu grupo de 19 alunos ávidos por leituras e escritas, em processo de alfabetização. Alfabetização esta que nas palavras de Emília Ferreiro, psicóloga, pesquisadora e escritora argentina é um processo, que tem início bem cedo, mas que não termina nunca (FERREIRO).

¹ Pós-graduação *O livro para a infância: Processos contemporâneos de Criação, Circulação e Mediação* realizada n'A Casa Tombada em 2019 e 2020.

Foi um “até breve” com cheiro de incerteza, com tempo indefinido, com medo, sem toque, sem abraço, onde o único aperto que ficou foi o do peito... Vazio e temeroso.

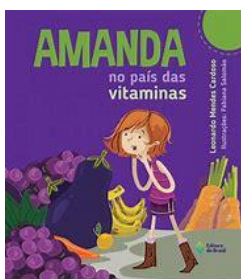
Dar aula sempre foi meu mote, meu guia, inspiração, meu palco, minha troca, meu ofício, entrega. E agora? Agora era recomeçar, rever tudo e pensar nas possibilidades, desprender das amarras, do espaço confortável da sala de aula, me perceber como aprendiz, entender que o novo fragilizou a nós todos, professores, alunos, famílias. Como me relacionar de modo competente e com abertura para o novo, nesse contexto? Terezinha Azeredo Rios, mestra em Filosofia que já escreveu várias obras filosóficas de cunho educacional, diz que ao voltar-se para o aluno, o professor terá a exigência de ver-se a si mesmo no processo e de buscar o seu desenvolvimento junto com o aluno. A prática competente contribuirá para a formação da cidadania não apenas do aluno, mas do próprio professor, uma vez que o que se diz a respeito da pessoa que se deseja formar é exatamente o mesmo que se deve exigir para a pessoa formadora, para o docente (RIOS).

Com pouco tempo para pensar, mas com o desejo de fazer acontecer, comecei a analisar o que seria possível neste formato de ensino. Um formato que eu nunca tinha pensado em fazer. Ensino remoto, a distância, por telas... Tanto faz o nome, pois seria sem cheiro, sem temperatura, sem afeto! Seria, mas não foi!

Ao longo de 30 anos em sala de aula, aprendi muito. Transitei por turmas com diferentes faixas etárias, orientei professores, atuei como formadora e olhando para todo meu percurso encarei o desafio e pensei no que sempre foi sucesso e achei... Contar histórias! Gosto de ler junto, ler sozinha, ler rindo, chorando, devagar, depressa, com ritmo, silabando... Ler, ler, ler! E por aí eu fui sempre pautando meu trabalho, com mestras como Delia Lerner, educadora argentina que se destaca pela atuação abrangente e intensa em termos científicos e práticos, também assessora órgãos governamentais e instituições particulares na Espanha e em vários países da América Latina, com quem aprendi que, não basta o acesso aos livros, o essencial é conviver com leitores e poder compartilhar de suas práticas. Assim, por meio da mediação do professor, a criança atribui significado às diferentes práticas de leitura, desenvolve gostos e preferências quanto a autores e gêneros, cria laços afetivos

com livros e histórias e vai começando a ver a si mesma como uma leitora (LERNER).

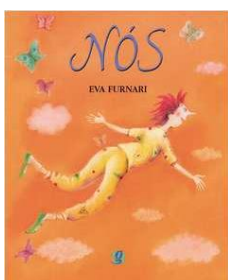
Por sempre acreditar na potência do livro para a infância, introduzi durante todos estes anos a literatura na sala de aula, adquiri e continuo adquirindo um grande acervo, do qual me orgulho muito. É uma paixão que cultivo ao longo dos tempos, pautada em estudos que começaram no Centro de Estudos da Escola da Vila e PUC COGEAE². Frequento livrarias, bibliotecas, feiras, leio obras de autores específicos, procurando no estilo a marca pessoal de cada um. Por conhecer muitos títulos e por perceber que as leituras agregam muito o trabalho em diversas áreas do conhecimento, costumo ampliar meu instrumental pedagógico em sala de aula, inserindo nos planejamentos leituras pertinentes.



Como falar de alimentação saudável e não ler “Amanda no país das vitaminas” de Leonardo Mendes Cardoso, editado pela Editora do Brasil, uma menina que de tão fraca cai dentro da geladeira e de lá só consegue sair depois de comer frutas, verduras e legumes.



Como trabalhar com diferentes grafias sem ler “A noite em que segui meu cachorro” de Nina Laden, com edição da Brinque Book, que mostra palavras escritas de jeitos muito diferentes, quase como cartas enigmáticas.



Como falar de sentimentos difíceis sem ler “Nós” escrito por Eva Furnari, da editora Moderna, que mostra uma menina que tem seus nós espalhados pelo corpo, mas que na verdade, são seus nós criados pela vergonha e pela hostilidade como é tratada.

² PUC Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, COGEAE. Coordenadoria geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão;

Como trabalhar em sala de aula sem trazer a magia da leitura? Sem pesquisar novos e interessantes títulos? Eu realmente não saberia trabalhar de outra maneira e não teria tanta assertividade ao longo desses anos.

Por conhecer muitos livros, sou bastante procurada por outros professores da escola quando precisam escolher leituras de assuntos específicos. Eu particularmente adoro quando consigo contribuir com o trabalho dos colegas. Sinto enorme satisfação.

Não posso negar que sou uma privilegiada, pois a escola apoia meu trabalho e me dá a oportunidade de livre escolha de títulos, a possibilidade de narrar em sala de aula, de trazer a contação, a descoberta, o imaginário. Me emociono com a escrita de Celso Sisto, que contempla a ideia os homens atravessando o tempo por túneis, pirâmides, caravanas, mares e espelhos. E que trouxeram histórias nas linhas das mãos. De todas as partes, veio sempre alguém com uma história na boca, saindo pelos olhos, derramando-se pelo corpo, inventando cenários: um acampamento, uma varanda, um átrio de igreja, uma aldeia, uma vila, uma taba, uma casa de avó, uma sala de aula. De pequenos núcleos familiares ou populacionais às salas de aula. De teatros, o contador de histórias manteve-se na ordem do dia. Alguns o quiseram esquecido, outros acreditavam na força solidária de quem junta pessoas para encantar pela palavra. Mais do que agregar, o contador de histórias tornou-se obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúcido e da fantasia! (SISTO).

É desta forma que penso e faço o estar em sala de aula. Neste espaço sou: narradora, contadora, tecelã de histórias nas linhas das mãos, encantadora do tempo em forma de palavras.

Por que trazer a literatura, mesmo no formato remoto?

Gosto de pensar a escola como espaço vivo de leitura e escrita, que permite ao indivíduo repensar o mundo, reorganizar suas ideias, interpretar, produzir textos, que traga possibilidades de construção de narrativas próprias, amadurecidas por um repertório construído dia a dia.

Foi possível continuar com uma metodologia apoiada em literatura, neste novo formato de aulas?

Sim. Foi através da plataforma zoom que entrei pelas janelas, pelas frestas, pelas telas e, dentro da casa de cada um dos meus alunos, fui me aproximando! Autores, histórias, lindas ilustrações não faltaram e povoaram o dia a dia na nova sala de aula!

Felizes, as crianças comentavam as leituras, pediam para as famílias comprarem livros, assistiam, revisitavam as apresentações em powerpoints, reliam, recriavam, participavam ativamente e eu pude ver tudo daqui... Da minha tela, da minha janela.

A materialidade do livro, que eu julgava não poder acontecer pela distância, estava ali. A leitura pelas telas dos computadores, tablets, telefones, aconteceu. A paixão das crianças pelos livros se concretizou. O gosto, o olhar brilhante, as indagações, o suspense, as risadas, as perguntas, as pausas foram entendidas pelas crianças.

Algumas adaptações foram testadas, acertos e erros aconteceram, mas por fim cheguei a alguns pontos interessantes, que funcionaram muito bem com esta turma. Procurei colocar os livros abertos em frente a câmera, para que os pequenos pudessem observar aquilo que eu acabava de ler. Elaborei powerpoints com a digitalização de páginas dos livros, para que ficassem nítidos na tela, gravei áudios com a leitura e enquanto passava a história frente às telas o áudio era ouvido, dessa maneira não desviavam o foco. Outras vezes digitalizei as páginas e enviei por e-mail para que cada aluno pudesse imprimir e ler. Aos poucos a leitura foi se tornando mais fluida, com algumas pausas em vírgulas, atenção aos sinais de pontuação e compreensão.

Nesta fase inicial da alfabetização também criei espaço para que se familiarizassem com a temática dos textos, a intencionalidade e o estilo de autores. Aqui mais uma vez cito Délia Lerner que analisa todos estes fatores como uma ponte que possibilita começar a devolver às crianças a responsabilidade da leitura (LERNER).

Ao trazer essa contribuição de Delia Lerner ao meu trabalho, percebo o quanto minha prática se mistura a uma teoria embasada em construção e exploração. Ao compartilhar possibilidades de leitura de autores e ilustradores

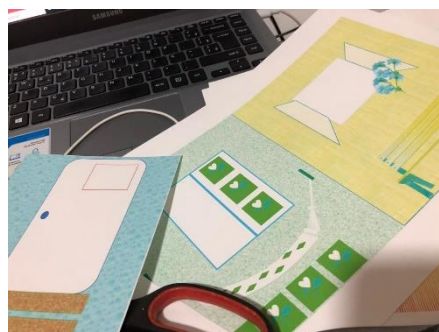
em sala de aula, trago comigo um elo de aproximação cada vez mais intenso entre os livros, as crianças e minha mediação.

O que eu vejo da minha janela?

Com o tempo, surgiu o desejo de mostrar o que eu estava vendo dos alunos através da minha janela, a minha entrada nas casas, assim produzi um livro que chamei de “O que eu vejo da minha janela”. Como se eu pedisse permissão para fazer parte do dia a dia nas diferentes moradias, dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Judaica onde o objetivo é acolher crianças que tem na religião um fio condutor. São crianças com situações econômicas bastante distintas, que tem o privilégio de estar em uma instituição sem fins lucrativos, que proporciona através de bolsas de estudo, espaço para que a educação se perpetue.

Do lado de fora do meu livro, apenas as fachadas e dentro delas um universo cheio de possibilidades. Entrar pelas telas através da plataforma Zoom, durante os 9 meses do ano de 2020 foi um exercício diário de superação.

Um percurso



O produto



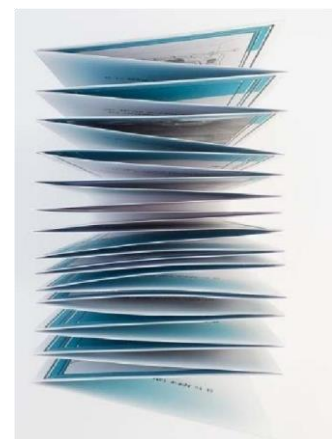
O que eu vejo da minha janela!
Claudia Martin 2020

Minhas inspirações

Fabiana Lorenzetti, arte educadora no Sesc de São Carlos, foi minha parceira neste curso de pós-graduação, *O livro para a infância*. Durante as aulas presenciais nos sentávamos próximas e pude acompanhar os esboços de um trabalho que estava realizando na sua cidade. Seu desejo era criar algo interativo, para que as crianças pudessem ter a sensação de entrar em diferentes janelas e que de lá pudessem criar diferentes narrativas. A finalização, só pude acompanhar pelas redes sociais, pois já estávamos em quarentena.

Em folhas de papelão, Fabiana desenhou formas geométricas, uma em cada página. Recortou com delicadeza uma a uma deixando espaços vazados pelas formas. Uniu todas as páginas com tiras de tecidos coloridos. Por fim, ao redor de cada forma geométrica desenhou fachadas, criando cenários diferentes.

Outra fonte de inspiração foi o livro de Alexandre Rampazo “Se eu abrir esta porta agora”, da Editora Sesi-SP. O livro mostra a incursão em diferentes portas. Em cada abrir, uma novidade, uma surpresa, uma nova possibilidade. As páginas podem ser lidas em qualquer ordem, de frente para trás, de um lado para outro, de costas, sanfonando as páginas, abrindo tudo, fechando aos poucos. Algo similar ao que senti enquanto dava minhas aulas, pois presenciei cenários inusitados, ouvi falas inéditas, observei produções incríveis, percebi o livro mais uma vez, como na fala de Edith Derdyk, “um manipulador de espaços”.



Se eu abrir esta porta agora...
Alexandre Rampazo
Editora SESI

O que eu vi da minha janela?

Nestes meses, pude visitar cada quarto, vivenciar momentos com as famílias, acompanhá-los em viagens, casa dos avós, etc...A seguir, convido vocês a entrarem nestas janelas comigo, em um passeio no tempo, visitando algumas experiências que pude ter com minha turma, que mostram como a literatura esteve presente nas aulas e nas casas destes pequenos nestes tempos de pandemia.

Biblioteca de quarto

Durante os meses com aulas remotas, pude acompanhar transformações nos quartos dos meus alunos. A biblioteca começou a ganhar espaço. Crianças pedindo para que seus familiares comprassem exemplares de livros lidos durante as aulas, crianças pedindo para que encontrassem uma maneira eficiente de guardar todo este material. Até mesmo um dos alunos ao mudar de casa, pediu para que a mãe fizesse um espaço apropriado para acomodar os livros sobre sua cama.

Parceiros de leitura

Nos últimos anos, o Colégio no qual trabalho investe em um projeto de integração entre alunos dos 1ºs anos do Ensino Fundamental anos iniciais, com alunos do 9º ano Ensino Fundamental anos finais. Neste projeto, os alunos se reúnem semanalmente. Sempre um parceiro mais velho acompanha dois parceiros menores, formando uma deliciosa aliança, onde o principal foco é “ler”. Juntos folheiam livros, ouvem novos contos, conhecem autores, obras incríveis e o que é melhor, os pequenos começam a observar modelos de leitores diferentes e com isso, se sentem motivados a ler cada vez mais e melhor. Durante a pandemia pensamos que esta modalidade não poderia acontecer, mas nos enganamos. Com esforço conjunto, as turmas se encontraram pela plataforma zoom, por vídeos gravados, trocaram indicações literárias, conheceram obras de muitos autores, em especial as de André Neves. Autor e ilustrador pernambucano, André instigou a turma com duas obras belíssimas. Foi através do título “Manu e Mila”, editora Brinque book, que se sentiram motivados a falar sobre tudo aquilo que os faz felizes, pois conta a história de dois amigos, diferentes entre si, que debatem sobre onde está a alegria. Mila acha que está nas pequenas coisas. Já Manu acha que está na vastidão do mundo.

Em outro encontro com os parceiros, o título “O colecionador de manhãs” escrito por Walter Moreira Santos e ilustrado por André pela editora Formato emocionou os alunos, pois trouxe à tona a relação entre pais, filhos, avós e netos e os fez pensar na distância forçada em tempos de pandemia.

Outro autor que teve destaque nestes encontros foi Odilon Moraes. Autor e ilustrador de livros há mais de vinte anos, formado em arquitetura pela USP, trouxe no título “Rosa” da editora olho de vidro, um convite para refazer o caminho do famoso conto de Guimarães Rosa, "A terceira margem do rio", que homenageia o amor entre pai e filho. Foi uma atividade elaborada em duplas e ao finalizarem, muitas crianças presentearam seus parceiros com ilustrações em preto e branco, fotografados e enviados por e-mail, como as ilustrações que aparecem na narrativa.

Já no título “Lá e aqui” com edição de Pequena Zahar, Odilon ao lado da escritora Carolina Moreyra, abordam de maneira muito delicada a separação dos pais. Depois da leitura a conversa entre os alunos de diferentes idades foi

riquíssima, com depoimentos de crianças e adolescentes que vivem situações parecidas.

Autores e suas histórias

Julia Donaldson e Axel Scheffler

Foi através da leitura “O gigante mais elegante da cidade”, editora Brinque Book, que pude acompanhar importantes avanços no ritmo e fôlego leitor das crianças. Cada criança munida de seu livro, em sua casa acompanhava a leitura em capítulos das aventuras do personagem principal, que cedeu gentilmente suas vestes elegantes, a cada personagem que encontrava na trama. Ao final da leitura eu propus um “banquete elegante”, onde cada um apareceu na tela com roupas e adereços sofisticados, como gravatas, camisa social, vestido de dama de honra, comendo seus lanches deliciosos. Outras obras foram lidas dos autores, como “O Grúfalo” editora Brinque Book que mostra a astúcia de um ratinho ao se deparar com animais que o querem devorar e “Carona na vassoura” editora Brinque Book, onde a bruxa e seu gato voam felizes, até que o vento leva primeiro o chapéu, depois seu laço e, por fim, a varinha. Felizmente, cada objeto é apanhado por um animal prestativo que se junta a eles. Depois de lermos as narrativas, os nomes de alguns objetos e personagens serviram como repertório de escrita em listagens.

Cecília Meireles

Na coletânea, “Ou isto ou aquilo” editora Global, com ilustrações de Odilon Moraes, Cecília Meireles escritora de poesias desde os 9 anos, foi professora de educação infantil. Neste livro ela brinca com as palavras e apresenta o mundo às crianças a partir de um olhar leve e simples. Foi pensando nesta proximidade da Educação Infantil com minha turma de primeiro ano, que escolhi para ler todas as segundas – feiras, um poema. Ao longo dos meses repetimos alguns, como “A bailarina”, “As meninas”, “Leilão de jardim” e os pequenos já pediam para recitá-los, pois decoraram de forma lúdica, divertida, rimada e afetiva.

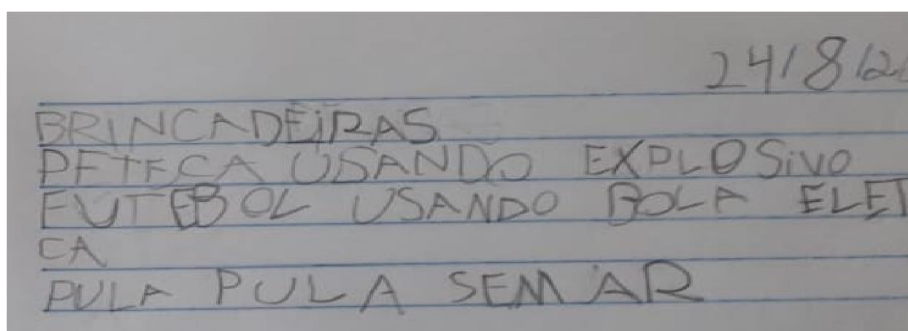
Audrey e Don Wood

Com criatividade, o casal de autores norte-americanos traz os contos de repetição. Ao ouvirem a história “O rei bigodeira e sua banheira” editora Ática, que conta de um rei que durante um dia todo resolve convidar os cavaleiros da corte a participarem de banquetes, bailes e até guerrearem junto a ele na banheira, instigou a turma a também convidar. A partir da leitura escreveram bilhetes convidando os amigos a realizarem atividades prazerosas.

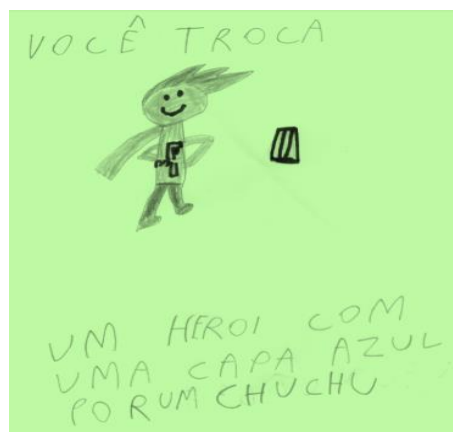
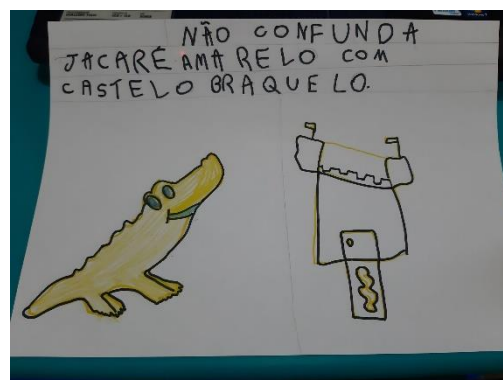
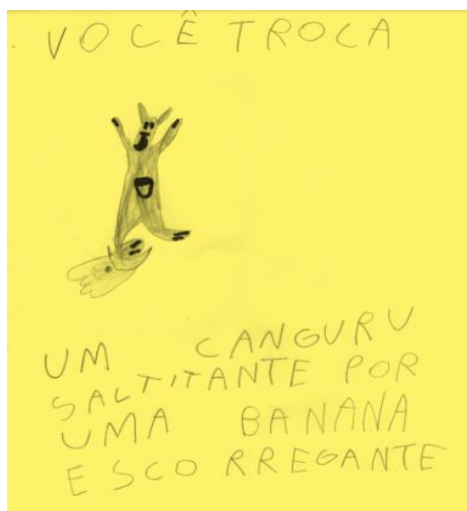
Na mesma linha de atividades de escrita com nomes de personagens usada com os títulos de Julia Donaldson e Axel Scheffler incluímos “A casa sonolenta” editora Ática, por trazer na temática as personagens rato, gato, menino, avó, cachorro e pulga para dormirem, uns sobre os outros em uma cama aconchegante, em uma casa sonolenta onde todos viviam dormindo, até que... começa a confusão.

Eva Furnari

A escrita de listas, nesta faixa etária, é algo bastante comum. Elas auxiliam os pequenos a organizarem o pensamento, organizarem a página escrita e trazem a possibilidade de escrever algo real, como uma lista para a festa de aniversário, de compras do supermercado. Com a leitura de “Listas fabulosas” editora Moderna, Eva Furnari, escritora e ilustradora de diversos livros de literatura infantil traz listas divertidíssimas, como coisas que não servem pra nada, ou os piores jeitos de se fazer alguma coisa. Evidente que criar listas engraçadas, foi a temática a seguir e as crianças se divertiram a valer. O melhor foi que tinham que escrever de uma maneira muito próxima a escrita convencional, pois a atividade seria fotografada e colocada em um powerpoint para que todos pudessem socializar, como no exemplo a seguir:



Com rimas divertidas, os livros “Você troca” e “Não confunda” editora Moderna, trouxeram leveza e alegria para as crianças. Muitos deles, depois de ouvirem rimas engraçadas, como “Você troca um leão sem dente por um dragão obediente”, ou “Não confunda um mamão bichado por um bichão mimado” pediam para recriar rimas. Por fim, fizemos uma coletânea com escritas e ilustrações bastante divertidas como as que apresento a seguir.



Disponibilizamos em formato digital os títulos “A bruxinha atrapalhada”, “A bruxinha encantadora” e “O amigo da bruxinha” editora Moderna, para que pudessem ler durante um final de semana. Um detalhe, nem todos leriam todos. Realizamos um sorteio e o combinado foi que na volta do fim de semana, se reuniriam em salas divididas “Breakout rooms”, para contarem uns aos outros sobre as leituras. O resultado foi incrível, pois durante a semana, muitos pediam acesso às leituras feitas pelos seus colegas.

E não poderia faltar a narrativa do famoso poeta “Felpo Filva” editora Moderna, um coelho solitário que desde os tempos de criança era zombado

porque tinha uma orelha mais curta que a outra. Felpo poderia ter ficado sozinho para sempre, mas Charlô entra em sua vida, fazendo uma grande transformação. Nas vidas dos alunos do 1º ano A, Felpo não entrou sozinho, ele veio por intermédio dos alunos do 3º ano, que souberam do entusiasmo da turma pelos livros da Eva. Eles não fizeram apenas a leitura do conto para a nossa turma, mas também apresentaram a receita do bolinho, que faz parte da história. Mostraram passo a passo como fazer. Se nossos alunos fizeram? Claro que sim, pois tivemos o retorno nos dias seguintes de que o bolinho estava delicioso.

Ziraldo

No primeiro ano a passagem da leitura em letra bastão maiúscula, para a letra imprensa é algo imprescindível. Mas como fazer isto em um formato remoto? Pensando em algo que encanta muitas gerações, trouxe para a turma a leitura do “Menino Maluquinho” editora Melhoramentos com edição comemorativa de 40 anos. A famosa obra escrita por Ziraldo, escritor, desenhista e cartunista foi o grande estímulo para que as crianças sentissem o desejo de ler em um outro formato. Disponibilizávamos no canto da tela a grafia do alfabeto dos dois modos, para que pudessem olhar sempre que preciso.

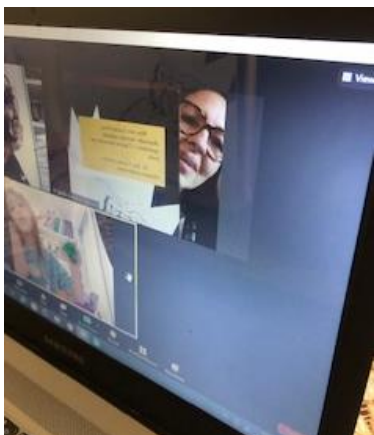
Depois de iniciarmos a leitura em partes alguns alunos contavam que tinham o livro em casa ou na casa de algum parente ou que pediram para seus pais comprarem. Rapidamente a sala quase que completa portava seus livros e os alunos conseguiam ler com outro tipo de letra.

“Se tem uma coisa que o Ziraldo sabe é a cor da lua!” Esta frase foi dita pelo aluno E.R, assim que terminei de contar “Flicts”, editora Melhoramentos. Com um colorido vibrante, mostra que tudo no mundo tem cor e por último apresenta Flicts, que é a cor da lua. Esta leitura estimulou a turma a querer conhecer outros exemplares do autor. Um deles “O planeta lilás”, inspiração para que desenhassem e escrevessem seus desejos para o futuro.

Ruth Rocha

Com uma coletânea divertidíssima, a escritora brasileira Ruth Rocha, membro da Academia Paulista de Letras, apresenta “A turma da nossa rua”,

editora Salamandra. Personagens que se comportam como crianças comuns, fazem com que os pequenos se identifiquem com as narrativas. Caloca, Gabriela, Alvinho, Marcelo são alguns personagens que povoam as páginas, genialmente ilustradas por Mariana Massarani, desenhista e parceira de Ruth em vários trabalhos.



Ao falarmos sobre direitos e deveres nas aulas de Ciências Humanas, o livro “Os Direitos das crianças segundo Ruth Rocha” editora Salamandra foi essencial. A partir dele conversamos muito sobre o que podemos ou não fazer, o que são direitos e qual a diferença entre direitos e deveres. Por fim propusemos que cada um começasse a cumprir seus deveres dentro de casa, ajudando a família no que fosse possível.

Ciências Humanas: Minha Identidade, outras identidades

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica em território nacional, o eixo identidade está presente no currículo do primeiro ano do Ensino Fundamental e a nossa escola optou por abordar este tema através de diferentes gêneros. Como sou responsável pelos planejamentos dessa área do conhecimento, trago muitas leituras para sensibilizar e embasar o trabalho.

Diversidade

“Eu sou diferente de você”! Tudo bem ser diferente, o importante é respeitar e ser respeitado. Dentro do projeto de Ciências Humanas, o desafio foi criar situações, nas quais as crianças pudessem perceber semelhanças e diferenças entre as pessoas, o modo de agir, de viver, de ser. Neste modelo remoto a melhor opção de trabalho aconteceu aliada a diferentes narrativas e autores. Foi desta forma que apresentamos temas como: famílias, pais ausentes, preconceito, medos, autoridade, individualidade e muito mais. Cada leitura foi um disparador de discussões, e sensibilizações na busca da identidade de cada um.

Todos os livros foram pensados, para que contemplassem os assuntos a serem discutidos. No espaço a seguir escrevo um relato de como foram feitas as intervenções, para que os pequenos pudessem interagir com os temas.

Preconceito ou melhor, pré-conceito

“A cor de Coraline” escrito e ilustrado por Alexandre Rampazo da editora Rocco, traz em sua narrativa o momento em que Pedrinho pede o lápis cor de pele emprestado à Coraline. Nesta hora as dúvidas sobrevoam sua imaginação: - Empresto o verde? O Azul? O Vermelho? O Lilás? Quais são as possibilidades em uma cor de pele?

Então lancei as perguntas: - Como é a pele de vocês? Todas têm o mesmo tom? E das pessoas que moram na sua casa? Qual é a diferença entre as pessoas com tons de pele diferentes? Existem diferenças? Você consegue desenhar sua pele do tom que ela tem? Vamos tentar?

A aula aguçou a curiosidade da turma e dias depois ainda falavam sobre as diferenças entre as pessoas. Busquei então outra leitura, desta vez “Menina bonita do laço de fita” escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Claudius, editora Ática. Ahhh que delícia poder amar e admirar o diferente. Na história, Ana Maria fala sobre um coelho que fica encantado por uma menina negra. Ele quer saber tudo sobre a cor dela e o livro se tornou um clássico.

Lemos, conversamos e levamos a história como aprendizado. Para esta turma foi algo muito forte. Com a amplitude das questões étnico-raciais na literatura para a infância, existem hoje outras reflexões sobre o livro. ³

“Este é o lobo” escrito e ilustrado por Alexandre Rampazo da editora DCL. A narrativa impecável mostra que nem sempre o lobo precisa ser o gigante do mal e que pensar nessa personagem só como vilão pode não ser o correto. E vocês, o que acham disso? É possível eu só de olhar para uma pessoa saber como ela é? Posso dar chances para as pessoas mostrarem como são? Como seria o lobo da sua história? Cada um de vocês vai criar seu próprio lobo. Vão desenhar e escrever suas características. Ao terminarem vão pedir para um adulto tirar uma foto da atividade e enviar pelo e-mail. Vou juntar todas as atividades e compartilharemos com todos.

Tivemos lobos de muitos tipos, nenhum deles “mal”. Lobo jogador de futebol, artista, de terno, deitado na cama da vovó...

Família

“Cada família é de um jeito” escrito e ilustrado por Aline Abreu da editora DCL mostra de uma maneira poética, colorida e singela as variadas famílias, que nem sempre são só de mãe, pai e irmão. Família, não tem duas iguais.

A partir da narrativa a pergunta foi: - E a sua família, como é? Será que todas as famílias são como a sua? Você conhece quantos tipos de família? Existe um modelo certo de família?

As ilustrações foram variadas, porém cada uma retratando fielmente sua estrutura familiar. Pais separados? Sim, mas nos desenhos há espaço para pais e mães próximos a seus filhos.

“O homem que amava caixas”, escrito e ilustrado por Stephen Michael King – editora Brinque Book. Quando mostrei a capa do livro, alguns disseram que já conheciam e complementavam contando que era um livro para ser lido no dia dos pais. Questionei a turma e pedi para que depois da minha leitura, contassem se achavam que realmente seria uma leitura apenas para o dia dos

³ Para saber mais, ver o artigo "Identidade e Diferença em Menina bonita do laço de fita" escrito pelas pesquisadoras Fatima Sabrina Rosado e Fatima Sabrina Rosa, publicado na Revista de letras. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/5056/3729>. Acesso 03 jun. 2021.

pais. Como a narrativa tem muitas ilustrações eu fiz questão de deixar cada slide por um tempo maior na tela compartilhada, assim podiam observar todos os detalhes. Ao terminar de contar sobre a delicada relação entre pai e filho, onde a falta de diálogo é substituída por objetos construídos pelo pai, através de caixas, os pequenos começaram a falar sobre seus pais e o convívio com eles. “Meu pai me conta história toda bagunçada”, meu pai chega tão tarde que eu só vejo ele de manhã, por isso ele toma café comigo”, “Meu pai nada e joga futebol super bem, ele é tipo um esportista”, “Eu acho que meu pai gosta mais de mim que do meu irmão, porque ele me mimma mais”, “Eu queria que meu pai ficasse mais comigo”.

“Rinocerontes não comem panquecas”, escrito e ilustrado por Anna Kemp editora Paz e terra. Trazer a história de Daisy para a turma é sempre algo delicado, pois a menina fala o tempo todo que há um rinoceronte dentro de casa e seus pais não o veem e não dão importância ao que ela fala. A sensação de não ser ouvido pelos adultos é algo muito mais comum do que imaginamos. Neste momento, muitos falaram... “Igual minha mãe ou igual meu pai”. Quando terminamos fizemos uma pausa e a ideia de escrever bilhetes para os pais surgiu. Foram bilhetes carinhosos, muitos como declarações de amor. Não pensamos em respostas dos pais, mas elas apareceram e alguns leram o que receberam de resposta.

Eu e meus medos

“Sabe que eu estou com medo de pegar Covid? Tenho medo da minha família ficar doente!” Ouvir esta frase, me fez buscar rapidamente uma leitura. Não estava programado, mas fui impactada por esta afirmativa e rapidamente busquei o livro, na estante do meu quarto, “Chapeuzinho Amarelo”, escrito por Chico Buarque com ilustrações de Ziraldo da editora José Olympio. Conta sobre uma menina que, de tanto ter medo das coisas, já não fazia nada. De todos os medos que ela tinha, havia um que era o maior de todos. Mas, como grande parte dos medos que temos na vida, ela logo encontra um novo jeito de encarar tudo aquilo que a paralisa, com muita coragem e superação. E então, gostaram? Que tal falarmos um pouco sobre os medos? Quais são eles? Vamos contar sobre eles em salas divididas? Vamos desenhar estes medos? Será que o seu

medo é igual ao do seu amigo? O que você poderá falar para seu amigo para acabar com este medo?

Que mundo é esse?

“Diversidade” escrito por Tatiana Belinky da editora Quinteto Editorial. Conta sobre uma menina que, de tanto ter medo das coisas, já não fazia nada. De todos os medos que ela tinha, havia um que era o maior de todos. Mas, como grande parte dos medos que temos na vida, ela logo encontra um novo jeito de encarar tudo aquilo que a paralisa, com muita coragem e superação. E então, gostaram? Que tal falarmos um pouco sobre os medos? Quais são eles? Vamos contar sobre eles em salas divididas? Vamos desenhar estes medos? Será que o seu medo é igual ao do seu amigo? O que você poderá falar para seu amigo para acabar com este medo?

Depois de ouvir este poema em forma de livro, quero que você se transforme em repórter e pergunte às pessoas que estão na sua, se conhecem pessoas diferentes delas e se acham que é possível pessoas que têm ideias diferentes viverem bem juntas. Cada resposta que ouvi... “Sim, minha mãe disse que ela é muito diferente do papai e mesmo assim eles estão casados faz 14 anos”. “Eu e sua avó somos muito diferentes, mas nós nos amamos”, “Você e sua prima Marcela são muito diferentes, não são? Mas brincam sempre juntas.”

“Quem manda aqui?” editora Companhia das Letrinhas, escrito e ilustrado por André Rodrigues, Larissa Ribeiro, Paula Desgualdo e Pedro Markum aborda o tema política é feito para crianças e foi pensado para o público infantil. Desde as mais remotas memórias de autoridades como reis, rainhas, mestres e aprendizes, até professores e a possibilidade de fazer com que a criança perceba que vive inserida em uma sociedade. A narrativa nos auxiliou também a colocar as ideias em uma linha do tempo, na qual passado e presente foram separados por fatos marcantes da nossa história.

Reflexões sobre a prática

Em recente conversa da professora Doutora Regina Zilberman, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no programa

Conversas da hora/2021, “A Literatura apesar da pandemia”⁴, trouxe uma fala que legitima o meu percurso.

Ela se refere ao ensino remoto como algo ainda precário, onde não se estabelece como aula, mas sim como conversas entre distâncias diversas e é neste momento que a literatura ganha força. Isto porque a literatura tem com ela a ideia de compartilhar um certo conhecimento. É um momento em que se pode compartilhar muitas ideias

Se os alunos forem leitores e escritores, isso se torna ainda mais satisfatório. A ideia de compartilhar um certo conhecimento é a possibilidade que a literatura nos dá. O compartilhar a literatura por meio do ensino remoto é algo possível, que pode encantar o aluno e que pode tocá-lo. Ele ter acesso a literatura e isso estar ligado aos momentos de aprendizagens, pode ser algo muito positivo.

E assim foi o ano de 2020...

Com este novo modelo de ensino, penso que todos os professores tiveram uma oportunidade única de mostrar versatilidade, superação, uma entrega absoluta e um desejo enorme de fazer acontecer.

Foi um ano diferente, que me possibilitou novamente levar a potência do livro infantil para a sala de aula, a “nova sala de aula”. Criar estratégias para que os pequenos se interessassem pelas leituras foi desafiador. Entender que todos nós estávamos fragilizados e que mesmo assim não poderíamos parar, teríamos que seguir e encontrar a melhor maneira de construir uma rotina agradável e interessante, para acolher as crianças e partilhar aprendizagens.

Criar pontes na sala de aula remota para que situações de mediações de leitura acontecessem, criar condições para que o leitor e o livro se encontrassem, propiciar uma conexão e um diálogo articulado entre livro e leitor, acompanhar os avanços no ritmo, no fôlego de leitor, na compreensão, na entonação, na alegria, no prazer, no encantamento foi um grande e importante desafio, mas que solidificou em mim, ainda mais a importância do livro para a infância.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=qXh8QZq6Lqg&t=3138s>

Venham comigo, me acompanhem pelas janelas, telas, casas...

<https://youtu.be/5MNRVqTYikk>



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOV, Luíza Helena da Silva. **Narrativas de Educadores: Mistérios, metáforas e sentidos.** São Paulo|: Porto de Ideias, 2012.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita.** São Paulo: Artes Médicas, 1991.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: O real, o possível, o necessário.** Porto Alegre, Artmed, 2002.

LERNER, Delia. **30 Olhares para o futuro: Escola da Vila 30 anos.** São Paulo, Escola da Vila, 2010.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Belo Horizonte, Aletria, 3ª ed., 2012.

RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RONCA, Paulo A.C TERZI, Cleide A. **A aula Operatória e a Construção do Conhecimento,** São Paulo: Edesplan, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura apesar da pandemia.** Brasília, 2002. Disponível em: <http://youtu.be/qXh8QZq6Lqg>. Acesso em: 22 de jan. 2021.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem,** São Paulo: Ática, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS * LITERATURA INFANTIL

- ABREU, Aline, **Cada família é de um jeito**, São Paulo: DCL, 2006.
- BELINKY Tatiana, **Diversidade**: São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.
- BUARQUE, Chico, **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2019.
- DONALDSON, Julia, **Carona na vassoura**, São Paulo: Brinque Book, 2012.
- DONALDSON, Julia, **O gigante mais elegante da cidade**, São Paulo: Brinque Book, 2018.
- DONALDSON, Julia, **O Grúfalo**, São Paulo: Brinque Book, 1999.
- FURNARI, Eva, **A bruxinha encantadora**, São Paulo: Moderna, 2000.
- FURNARI, Eva, **A bruxinha atrapalhada**, São Paulo: Moderna, 2003.
- FURNARI, Eva, **Felpe Filva**, São Paulo: Moderna, 2013
- FURNARI, Eva, **Listas fabulosas**, São Paulo: Moderna, 2013.
- FURNARI, Eva, **Não confunda**, São Paulo: Moderna, 2011.
- FURNARI, Eva, **O amigo da bruxinha**, São Paulo: Moderna, 2002.
- FURNARI, Eva, **Você troca**, São Paulo: Moderna, 2011.
- KENP, Anna, **Rinocerontes não comem panquecas**, São Paulo: Paz e terra, 2015.
- KING, Stephen Michael, **O homem que amava caixas**, São Paulo: Brinque Book, 2012.
- MACHADO, Ana Maria, **Menina bonita do laço de fita**, São Paulo: Ática, 2000.
- MEIRELES, Cecília, **Ou isto ou aquilo**: Global, 2012
- MORAES, Odilon, **Rosa**, São Paulo: Olho de vidro, 2017.
- MOREYRA, Carolina, **Lá e aqui**, São Paulo: Zahar, 2015.
- NEVES, André. **Manu e Mila**, São Paulo: Brinque book, 2018.
- PINTO, Ziraldo Alves, **O menino maluquinho**, São Paulo, 2018
- PINTO, Ziraldo Alves, **Flicts**, São Paulo, 2019
- PINTO, Ziraldo Alves, **O planeta lilás**, São Paulo, 2010
- RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**, São Paulo: Rocco, 2017.
- RAMPAZO, Alexandre. **Este é o lobo**, São Paulo: DCL, 2016.

RAMPAZO, Alexandre. **Se eu abrir esta porta agora**, São Paulo: Sesi, 2018.

ROCHA, Ruth Lousada. **A coisa**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **A decisão do Campeonato**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **A máquina maluca**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **Armandinho, o juiz**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **Cinderela das bonecas**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **Como se fosse dinheiro**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **Gabriela e a titia**, São Paulo: Salamandra, 2010.

ROCHA, Ruth Lousada. **Os Direitos das crianças**, São Paulo: Salamandra, 2014.

RODRIGUES, André, **Quem manda aqui?** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

SANTOS, Walter Moreira, **O colecionador de manhãs**, São Paulo: Formato, 2009.

WOOD, Audrey, **A casa sonolenta**, São Paulo: Ática, 1996.

WOOD, Audrey, **O rei bigodeira e sua banheira**, São Paulo: Ática, 2010.